

COMMERCIO DO MINHO

FOLHA COMMERCIAL, RELIGIOSA E NOTICIOSA.

EDITOR E PROPRIETARIO JOSÉ MARIA DIAS DA COSTA, RUA NOVA N.º 3 E.

PREÇO DA ASSIGNATURA	
6.º ANNO	
Braga, 12 mezes.	1\$600
» 6 »	850
Correspondencias partic. cada linha	40
Anuncios cada linha.	20
Repetição	10

PUBLICA-SE
AS TERÇAS, QUINTAS E SABBADOS.

PREÇO DA ASSIGNATURA	
Provincias, 12 mezes.	2\$000
» 6 »	1\$050
» sendo duas assignaturas	3\$600
Brazil, 12 mezes, moeda forte.	3\$600
Folha avulso	10

N.º 783

BRAGA—TERÇA-FEIRA 7 DE MAIO DE 1878

3.ª e ultima sessão do congresso catholico, em Braga, no dia 2 do corrente.

Como em rasão da falta de tempo e d'espaco não podémos dar em o n.º passado a resenha de todos os discursos pronunciados na 3.ª e ultima sessão do congresso catholico, vamos hoje desempenhar-nos d'este trabalho.

Ao sr. D. Antonio d'Almeida, cujo discurso resumimos, seguiu-se o rev. sr. Antonio Joaquim d'Azevedo Couto, sacerdote digno por todos os titulos.

Recapitulando o que havia dicto nas sessões antecedentes sobre o christianismo em face da sociedade civil e da civilização, passou a demonstrar que fóra do christianismo não é possível realizar-se essas sublimes ideias de progresso, civilização, liberdade, igualdade e fraternidade que tanto agitam o mundo moderno.

Eu vejo no mundo, disse o orador, d'um lado poderosos exforços, energicas tentativas para attingir o mais bello ideal que o espirito humano possa conceber; do outro germinar paixões as mais ignobeis; oiço o appello que se faz á paz universal, mas vejo a divisão, o odio e a discordia estender incessantemente seus estragos entre os homens; oiço o appello á liberdade, e vejo caluniar, perseguir e até assassinar cobardemente homens que tem tido a coragem de propugnar pela verdade e pela justiça no mundo; oiço invocar entre os homens a igualdade que o Evangelho nos ensina, e vejo os exforços insensatos de cada um para elevar-se a cima de todos; oiço o tocante appello que se faz ao amor e á fraternidade, e vejo o odio, a calumnia, e a mentira propagar-se mais e mais: oiço o appello á unidade, e vejo uma porção do povo separada do outro por odios cegos e irreconciliaveis; oiço os gritos d'angustia pelos quaes nossos irmãos pobres e soffredores imploram soccorro; mas vejo a cubiça, a avareza, o egoismo, o amor dos praseres alargar diariamente seu imperio; vejo homens que, intitulado-se amigos do povo, não trabalham senão em

lle augmentar a miseria, arruinar o gosto do trabalho, e excitar seus irmãos pobres e redusidos a apoderar se da bolsa dos seus visinhos; oiço o appello á humanidade, e sou testemunha de scenas brutae que me encham de horror e d'espanto!

Mas ha um meio, um unico meio de realizar aquellas sublimes ideias, cujas palavras exprimem uma verdade fecunda, uma grande missão imposta ao homem pelo Creator, e a significação verdadeira e completa das quaes só o catholicismo nos revela:—esse meio é dirigirmos-nos de novo áquelle que os trouxe ao mundo, é tornarmos-nos a Jesus Christo.

Com Jesus Christo, que é a via, a verdade e a vida, a humanidade pode tudo, nenhum ideal lhe é inacessivel; podemos transfigurar a terra n'um verdadeiro paraíso, enxugar para sempre as lagrimas de nossos irmãos desgraçados, fundar d'uma maneira completa, no amor, na união e na concordia a verdadeira humanidade; podemos até inaugurar o reino da paz perpetua e crear ao mesmo tempo as melhores instituições politicas e sociaes. Sem elle, nós pereceremos na vergonha, na deshonra e na miseria; nós seremos o escarneo e o oprobrio da posteridade.

Este discurso foi muito e justamente applaudido.

Seguiu-se o desembargador da Relação Patriarchal de Lisboa, José de Sousa Amado, que começou por mostrar qual o sentido primitivo da palavra *civilisation*, em portuguez civilização, a qual não fóra adoptada pelos revolucionarios, senão para indicar um ideal de praticas e costumes, em que não entrasse noção alguma de Deus, ou de religião; disse que d'esta palavra se póde usar na lingua portugueza, porque não exclue a providencia de Deus ácerca dos homens; todavia afirmou de si, que não a emprega senão acompanhada do adjectivo—boa (civilização) para se não confundir com a má civilização, ou sentido primitivo em que ainda hoje é empregada pelos revolucionarios, ou inimigos da religião e da sociedade.

Passou depois a tocar no diluvio de males, que inundavam por toda a parte, quasi que acobertados pela referida palavra, e fez ver, que este proceder era da falta do ensino catholico, o qual fizera rebentar a primeira revolução de Paris,

da qual tantos males provieram para outros povos.

Deixando theorias de educação, determinou-se pela pratica, mostrando que era preciso ter em muita conta o logar do Evangelista S. Lucas nos Actos dos Apostolos cap. 1.º, e que fóra o programma de Jesus Christo: *facere et docere*. Disse que a educação religiosa deve ser precedida de actos, ou obras n'aquelles, que a ella se dedicam, porque são estes que a tornam mais accetavel, e mais digna de apreço. E como se referia á educação da familia, querendo mostrar a importancia d'ella, apresentou o exemplo de Jesus Christo, que, em quanto consagrou só os ultimos tres annos da sua vida a ensinar os homens, passára os trinta primeiros em praticas de humildade e obediencia, tendo por fim mostrar de quanta necessidade era o attender miudamente á educação da familia.

E para mostrar que não ficava só em theorias, adduziu um bello exemplo de piedade filial, que se lê no jornal que acabava de publicar em Lisboa, tendo por titulo—«A Familia», o qual obtida licença do ex.º e rev.º sr. D. João arcebispo Primaz, offereceu aos membros presentes do congresso, sendo primeiro apresentado por elle um exemplar ao mesmo sr. arcebispo, outro ao sr. governador civil, e em seguida aos srns. administrador do concelho, J. A. Rebello da Silva e dr. Manoel Joaquim Penha Fortuna, presidente da Associação Catholica, que alli se achavam. Feito isto procedeu-se á distribuição pelos assistentes, em numero perto de duzentos.

Por fim mostrou que no plano do jornal «A Familia» entrava a doutrina ácerca do respeito devido ás auctoridades, tanto ecclesiasticas como seculares: que no primeiro n.º se occupára do respeito devido ás primeiras, e nos seguintes tratará do que se deve ás segundas. O orador foi muito applaudido, concluido o discurso.

Tomou em seguida a palavra o rev.º desembargador M. J. Oliveira Guimarães, abba de Maximinos.

No seu discurso tratou a passos rapidos a questão da educação fazendo a similhante proposito diversas considerações philosophicas, moraes e religiosas.

sua procura, e quando a encontrava era quasi sempre alliviado com o seu auxilio o trabalho de alguma criada, e sempre dizendo a todas palavras de consolação. De maneira que, em presença da boa menina, não havia difficuldades nem tristezas.

H.—N'este mundo em que vivemos, todos pedimos esmola: uns pedem ventura e gloria; outros pedem dignidades; outros o pão de porta em porta; outros pedem consolação para a sua mágoa; outros, alegria para a sua tristeza.

Por um caminho solitario e tristissimo e por atalhos difficeis, caminhava um joven virtuoso, que, apesar da sua energica vontade, ia profundamente magoado. Levava a mão collocada sobre o peito palpitante, suas lagrimas corriam em abundancia; e se não fosse pelo temor de desprezar a voz e o conselho de sua mãe, teria tornado para a casa, que, horas antes, tinha deixado com grande pezar da sua alma.

N'aquella casa estava sua mãe, que, antes da partida, em presença de Helena, que ji é de nós conhecida, lhe dissera:—«Meu querido filho, é forçoso que de mim te apartes por alguns annos. Depois,

se Deus o permittir, tornarás para a minha companhia. Entretanto Helena, esta boa menina será a consolação da minha tristeza, a companhia na minha soledade. Se não fóra esta esperança, que me anima de que ella será allivio da minha saudade nem eu te deixaria partir. Mas assim é preciso, vae. Aqui, no lar da tua infancia, ficarei aguardando por ti, bem certa de que procurará o bem estar de tua mãe na sua velhice.

«Bem quizera eu, meu filho, poder acompanhar-te, porque bem vejo quanto é triste e difficil para o homem, e principalmente para uma criança como tu és ainda, emprehender uma viagem tão longa e só; mas tu bem vês, meu filho, que eu não posso. Procura algum amigo que te acompanhe.

«Tem sempre presente que a juventude é facil de se deixar atrahir para lhe preverterem os bons instinctos, desvirtuem os sentimentos nobres e corrompem os affectos purissimos d'uma alma christã.

«Procura que o amigo que haja de acompanhar-te, seja para ti como o anjo que guardou o innocente Tobias e o conduziu até junto de seus velhos pae e mãe.»

Considerou a educação como problema mais importante para o individuo, para a familia e para a sociedade, mostrando que não havia pessoa que podesse ser indifferente a uma questão de tanta magnitude, e da qual dependia o futuro da humanidade, bom ou mau, segundo aquella fosse boa ou má.

Provou depois que a educação para ser boa devia ter por base a religião, e, para ser religiosa, devia ser dada por quem fosse verdadeiramente religioso.

Fez tambem diversas considerações ácerca da importancia e influencia da imprensa periodica no ensino e educação popular, encarecendo a necessidade de se vulgarisar mais o ensino e as boas praticas religiosas por este meio de manifestação do pensamento, sendo preciso contrapor á imprensa que ensina o erro a imprensa que evangelisa a verdade.

E a proposito de tudo isto citou auctoridades e fez diversas reflexões, que mereceram o applauso unanime da assembleia.

Depois o ex.º sr. arcebispo Primaz levantando-se, fechou estas sessões com uma chave de ouro. Principiou por dar graças a Deus e a Maria Santissima Immaculada pelo bom exito dos trabalhos do congresso. Dirigindo-se ao sr. governador civil agradeceu-lhe e a todas as auctoridades a honra de haverem assistido a estes actos, no que tinham contribuido, não só para o seu esplendor, como para o socego e boa ordem, desviando assim qualquer suspeita d'algun mal-intencionado que se lembrasse de lhes attribuir caracter politico. Agradeceu aos oradores o terem abrilhantado tão esplendidamente estas reuniões, assim como a todos os que d'algunha sorte concorreram para a realização d'este congresso, principalmente o ex.º sr. D. Antonio d'Almeida, secretario do mesmo.

S. exc.ª foi sublime quando disse:—somos poucos, é verdade, mas só doze eram os apóstolos e apesar da exiguidade do numero regeneraram o mundo; somos poucos, é verdade, mas as grandes emprezas ordinariamente se tem levado a cabo não por muitos, mas por poucos homens; somos poucos, é verdade, mas Braga felizmente ainda tem crenças, e não vira até hoje as scenas que por des-

—Diga-me, querida mãe, qual é o nome do amigo que quer que me acompanhe?

Então a mãe, abraçando pela ultima vez o seu filho, repetiu-lhe muitas vezes ao ouvido o nome d'aquelle amigo.

O joven, com o som da voz da mãe vibrando-lhe no coração, com as lagrimas de Helena cahindo-lhe n'alma, seguia seu caminho. Erám sua luz e sua companhia a sua mesma alma e a sua energica vontade.

Seguindo por uma aspera e difficil vereda, vê pela primeira vez um relampejar luminoso, e ao mesmo tempo ouve uma voz que lhe diz:

—Queres-me por tua companheira na tua viagem?

—E como te chamas tu? perguntou-lhe o viajero.

—Eu sou a gloria.

—Não é esse o nome que me disse minha mãe: vae-te, segue o teu caminho.

Mais adiante sente um agradável estremeamento em todo o seu corpo; ouve uma voz agradável similhante á do pastorinho do ameno valle, que lhe diz:

—Joven e solitario viajante, queres-

FOLHETIM

CONSOLAR OS TRISTES.

I.—Helena, formosa menina de dez annos, vivia no seu logar, em casa de seus paes, no regaço de uma abundancia que fazia a felicidade de todos. A boa menina tinha o feliz condão de levar a alegria a toda a parte.

Em casa de seus paes era ella o sol vivificador d'aquelle pequeno mundo. Não tinha irmãos nem irmãs, era só. Criados e criadas, todos, ao vel-a, embora que o pezo do trabalho lhes amargurasse o viver e lhes fizesse entristecer o semblante, todos sentiam desaparecer-lhe do rosto a tristeza e do coração a mágoa.

Parece que presentia onde havia cuidado ou fadiga, porque, mal que uma criada se via amofinada com um trabalho ou serviço, parece que adivinhava, e eil-a, mãos á obra.

Muitas vezes desaparecia, como que por encanto, de junto de sua mãe; esta, assim que dava pela falta, corria logo em

graça se teem dado em outras terras, isto é—os enterros civis, os casamentos civis, e os baptismos civis—, aliás todos, estava certo, se reuniram para defender a religião catholica; somos poucos, é verdade, mas poucos eram os companheiros de Pelagio para reconquistar toda a península, no entanto esses poucos libertaram a sua patria do jugo sarraceno; somos poucos, é verdade, mas Portugal ainda não está acostumado a estes congressos, que tão necessarios se tornam nos paizes onde a religião catholica é perseguida. Elle, pois, que em nome de Deus e de Maria Santissima havia aberto este congresso, em nome de Deus e de Maria Santissima o fechava tambem, abençoando a todos.

Ainda a Infallibilidade.

Continuam ahí uns certos escriptores, grandes theologos, sobre tudo catholicos (dizem elles) *illustrados*, a teimar em qualificar de *dogma novo* a infallibilidade do Papa, definida pelo Concilio do Vaticano.

Tem-se-lhes dicto que não ha *dogmas novos*, e sobretudo tem-se-lhes repetido mil vezes as celebres palavras, que se lêem no precioso livro de Vicente de Lerins—o *Communitorium*—«O que tem feito a Igreja? Ella quiz que o que se tinha já antecedermente crido, fosse simplesmente proferido com mais exactidão; que o que tinha sido prégado sem reparo, fosse ensinado com mais cautella; que se explicasse mais distintamente o que anteriormente se havia tratado de passagem com uma inteira segurança. Tal foi sempre o destino da Igreja; ella não fez outra cousa com os decretos dos concilios, do que pôr por escripto o que já tinha recebido por tradição».

Tem-se-lhes dito, tem-se-lhes repetido tudo isto aos taes *sabios* da sciencia da moda; mas debalde; por que fechando os ouvidos a todas as nossas reflexões e argumentos, vão sempre repetindo: *o novo dogma da infallibilidade!*

Pois bem. Vamos excavar atravez dos seculos a certidão de idade do *novo dogma*. Vamos mostrar aos doutores, que fallam de cadeira de *omni scibili*, como a infallibilidade do Summo Pontifice se encontra nos documentos da mais remota antiguidade christã.

Abramos primeiramente o Evangelho de S. Lucas, no capitulo XXII, e lêamos o verso 31 e seguintes:

«Simão, Simão (diz Jesus Christo) eis ahí vos pedi Satanaz com instancia para vos joear com o trigo; mas eu roguei por ti para que a tua fé não chegue a desfallecer; e tu, depois de convertido, confirma a teus irmãos».

Eis aqui pois a infallibilidade concedida a S. Pedro; pois que, se elle não fóra infallivel nos seus ensinamentos, mal poderia confirmar na fé a seus irmãos.

Reconheceria porem a Igreja esta mesma infallibilidade em Pedro e nos successores do Chefe do Apostolado, isto é, nos Pontifices Romanos?

Vejamos.

Celebra-se o concilio de Jerusalem, a que assistem os Apostolos e os Presbyteros, presididos por Pedro. Este le-

vanta-se e diz: «Varões irmãos, vós sabeis que desde os primeiros dias ordenou Deus entre nós que da minha bocca ouvissem as nações a palavra do Evangelho, e que a crêsem»....

N'estas palavras Pedro afirma explicitamente a propria infallibilidade, e declara que Deus o escolheira entre todos para mestre e doutor das nações; depois passa a definir o dogma da salvação de todos os homens em todos os tempos pela só graça de Jesus Christo: *Sed per gratiam Domini Jesu Christi credimus salvari, quem admodum et illi.*—

A estas palavras ninguem ousa contestar. Fallára a voz de Christo pela bocca do seu Vigario infallivel; ninguem se oppõe, ninguem discute, ninguem contradiz; pelo contrario todos se calam: *Tacuit autem omnis multitudo!* A causa estava irrevogavelmente terminada.

Logo no II seculo suscita-se a questão sobre a celebração da Paschoa. Era bispo de Smyrna S. Polycarpo, discipulo de S. João, e ordenado pelos Apostolos. A sua auctoridade era pois de um grande pezo. Pois bem. Elle emprehe a jornada de Roma, e sem submeter a questão á decisão de Santo Aniceto, o undécimo successor de S. Pedro!

Multiplicam-se ainda n'este mesmo II seculo os testemunhos e os factos, que por brevidade omittimos, mas que auctorizam sobejamente um escriptor distincto a fazer a seguinte observação: «Não se pôde de modo algum duvidar que no segundo seculo não fosse o ensino da Igreja Romana olhado como o typo do ensino catholico, e orthodoxo, como um ensino infallivel e sem apellação. (*Blanc, Cours d'hist. eccles. tom. I, p. 504*)».

No IV seculo o concilio Sardicense ordena que todos os bispos levem as suas causas perante a cabeça, isto é, perante a Sé de Pedro.

O primeiro concilio romano (ann. 337) confirma esta decisão na sua epistola synodal aos bispos do Oriente, e diz mais: «Assim, esta Igreja (de Roma) consagrada pelo seu nome (de S. Pedro) tornou-se pela instituição do Senhor a primeira e a cabeça de todas as outras, e a ella, como a mãe e ápice, recorrem as causas maiores da Igreja e os juizos dos bispos, terminando pela sua justa sentença; e nenhuma d'estas causas pôde ser decidida fóra do Pontifice Romano».

N'este mesmo seculo são celebres as palavras de Santo Agostinho:—«Roma fallou; está terminada a questão». E S. João Chrysostomo, e Santo Ambrozio com o concilio de Cápuia, e S. Jeronymo seguem a mesma doutrina.

No V seculo, exigindo-se dos Padres do concilio de Calcedonia (IV ecumenico) uma exposição da fé, elles respondem que—uma regra de fé havia sido dada pelo arcebispo de Roma, e por conseguinte que não era permitido fazer outra exposição:—*Sufficiunt que exposita sunt: alteram expositionem non licet fieri.* (Lab. concil. IV, 337).

E depois de lidas as epistolas do Papa S. Leão a Flaviano, em que elle estabelecia a verdadeira doutrina sobre a Encarnação contra Eutychio, os Padres do mesmo concilio respondem: «Nós todos assim o cremos; anathema ao que

assim não crêr. *Pedro fallou pela bocca de Leão.* Este é o ensino dos Apostolos».

No VII seculo o concilio III de Constantinopla (VI ecumenico) approva e subscrive a carta dogmatica do Papa Agathão, em que este se exprime do seguinte modo: «Todo o universo catholico reconhece esta Igreja (de Roma) por mãe e mestra de todas as outras.... «Tal qual ha recebido a fé dos seus fundadores, os principes dos Apostolos, assim a tem conservado sem mancha, conforme a promessa feita a Pedro pelo Salvador: *Eu roguei por ti para que a tua fé não desfalleça; tu pois, quando te houveres convertido, confirma a teus irmãos.* Em virtude d'esta promessa divina os Pontifices Romanos, de quem, apesar da nossa indignidade, somos successor, tem sempre sustentado a causa da fé».

Não ha afirmação mais terminante e positiva da inerrancia dos Summos Pontifices em materias de fé. E o concilio recebendo-a, conformando se com ella e tomando-a por base da sua sentença final contra os hereges Monothelitas, pôde afoitamente dizer-se que definiu como um dogma a dita inerrancia ou infallibilidade pontificia.

Proseguiremos em outro artigo.

D. M. S.

O primeiro dos deveres de todo o governo é harmonisar as leis com a vontade geral; e assim a economia publica deve na sua administração conformar-se com as leis.

Para que o Estado não seja mal governado será bastante que o Legislador tenha provido, como deve, ao que exigem os logares, o clima, o solo, os costumes, a visinhança, e a todas as relações do povo para quem tem de legislar; e ainda assim terá de attender a uma infinidade de detalhes, de policia, e de economia, empregando os recursos da sciencia, sem nunca perder de vista duas regras, que são essencialissimas para bem se haver na sua gerencia: uma, a que está no espirito da lei, que deve servir á decisão dos casos não previstos na letra d'ella: a outra, a da vontade geral, origem, e supplemento de todas as leis, e que deve ser sempre consultada nos casos obscuros, ou duvidosos.

Perguntar-me-hão: como se ha de conhecer a vontade geral nos casos, em que ella se não explicou? Será necessario juntar toda a nação a qualquer acontecimento imprevisto? Se o governo fóra justo, e bem intencionado, não haverá essa necessidade, porque o chefe, ou chefes não podem ignorar que a vontade geral está sempre da parte mais favoravel ao interesse publico, ou da equidade, de maneira que basta ser justo para conhecer, e seguir a vontade geral.

Muito faz quem faz reinar a paz, e a ordem em todas as partes de que se compõe o Estado: muito faz o que consegue a tranquillidade publica, e que as leis sejam respeitadas, mas se se limitarem a isto só, não haverá em tudo, mais do que a apparencia, e o governo achará em toda a parte difficuldades em se fazer obe-

decer, se só quer ser obedecido. Se convém empregar a homens taes, quaes elles são; convém muito mais fazel-os taes, quaes devem ser: a auctoridade mais absoluta é aquella que penetra no interior do homem, e não se exerce menos sobre a vontade, do que sobre as acções. Os povos tornam-se no que os governos os fazem ser—guerreiros, cidadãos, homens, populaça, canalha etc., e por encurtar palavras, todo aquelle monarcha que despreza os seus subditos, deshona-se a si mesmo.

Formae homens, se quereis governar homens e que elles obedeçam ás leis. Foi esta a grande arte dos governos antigos, e naquelles tempos, em que os philosophos davam leis aos povos, empregando toda sua auctoridade em fazel-os sabios, e felizes, e porisso elles tinham tantas leis sumptuarias, tantos regulamentos sobre costumes, tantas maximas publicas a mittidas, ou regeitadas com o maior cuidado. Os proprios tyrannos não esqueciam esta parte importante da administração! emquanto que os governos modernos, crendo que fizessem tudo em arranjar dinheiro, descuram de tudo o mais!!

Uma segunda regra essencial da economia publica, e não menos importante do que a primeira, consiste em fazer com que todas as vontades particulares para ella convirjam, o que nunca se conseguirá sem que a virtude impere.

Se esses politicos de corrilho, e de soalheiro estivessem menos cegos d'ambição, veriam a impossibilidade, que ha em fazer que qualquer estabelecimento, seja de que natureza fór, marche segundo o espirito da sua instituição sem ser dirigido pela lei do dever; conheceriam que a grande molla da auctoridade publica está no coração dos cidadãos, e que por mais que um governo se conserve, não é d'esse facto que nascem os costumes.

O peor abuso de quantos possam commetter-se está em fingir obediencia á lei para infringil-a com segurança; é então que as melhores leis se tornam as mais funestas, e bem melhor seria que não as houvesse: dada uma tal situação, baldada coisa será accumular edictos sobre edictos, e regulamentos sobre regulamentos, pois que tudo isso servirá sómente para introduzir novos abusos sem corrigir os primeiros. Quanto mais se multiplicarem as leis, tanto mais serão despreziveis, e os guardas que se instituirem não passarão de outros tantos novos infractores destinados para partilharem com os primeiros, ou a fazerem a pilhagem por sua conta. Bem depressa se converterá então o prego da virtude em premio da ladroeira, e os homens mais vis serão os mais acreditados, e quanto maiores forem, de maior desprezo serão dignos, pois que as honras os deshonoram.

Temos o exemplo em casa; e o povo, que desconhece que a primeira causa dos seus vicios está n'elle mesmo, grita contra os males que lhe vem d'aquelles, a quem elle paga para o garantir.

E' então que á voz do dever que não falla aos corações, os chefes do poder se vêem forçados a substituir o grito de terror, ou a astucia do interesse apparente para enganar as suas creaturas: é então que se vêem na necessidade de lançar mão de pequenos e miseraveis rodeios, que al-

me por companheiro na tua jornada?

—Como é o teu nome?

—Eu sou o *prazer*.

—Esse não é o nome que deve ter o amigo que devo escolher para meu companheiro, vae-te, segue o teu caminho.

O caminho andado era já longo, o caminhante sentiu que os seus pés, parecia que pizavam uma branda alcatifa, e de repente os seus membros cessaram de experimentar cansasso ou fadiga alguma, quando uma voz suave, como a briza da manhã e doce como a palavra de umaterna mãe, quando acaricia, lhe diz:

—Bom moço, queres-me por teu companheiro?

—Como é o teu nome?

—Eu sou o *amor*.

—Esse não é o nome que minha mãe me repetiu muitas vezes.

Era já tarde, a noite se aproximava, e o joven e virtuoso viajante sentia-se mais triste do que pela manhã, em consequencia da soledade em que viajara o dia todo. De repente experimenta um movimento de força; readquire animo e ouve logo em seguida uma voz meiga que se expressa d'este modo:

—Queres-me a mim por companheiro, mancebo?

—Como te chamas?

—Eu sou o *dever*.

—Oh! vem, aproxima-te de mim. Quero-te por companheiro, sim quero. O teu nome é aquelle que minha mãe me disse.

O viajante continuou as suas viagens durante alguns annos por terras estranhas; mas sempre acompanhado do seu fiel amigo o *dever*.

III.—Deixal-o andar, o filho d'aquella boa viuva, que anda bem acompanhado. Que faz sua mãe?

Teria morrido de tristeza, se não fosse Helena que, a todo o custo, passava em sua companhia todo o tempo que lhe era possivel. Queria a sensivel donzella que a sua acção benéfica de consolar os tristes recalisasse com toda a sua força sobre a desolada viuva, que tinha longe o seu Felizardo, a sua unica esperança.

Já o pae da donzella, algumas vezes, tinha observado a sua mulher que a ausencia da filha, fora da casa paterna, tão repetida e ás vezes tão longa, não era muito conveniente.

—Bem sei, dizia elle, que a mulher é incapaz da menor maldade; gosto que a

nossa filha vá consolal-a muitas vezes na sua tristeza fazendo-lhe companhia; mas comtanto que eu não sinta a sua falta. Não quero oppôr-me a que a nossa querida filha pratique aquella obra de misericordia. Quem exerce a caridade por força que terá as benções do céo».

—Deixa estar, homem, disse a mãe de Helena; a nossa filha, com a sua grande bondade e com a sua caridade sem limites, chega para nós e para todos. A pobre viuva não tem ninguem; tambem nós praticamos uma boa obra repartindo com ella os ternos carinhos da nossa filha.

—Pois sim; mas é que, ás vezes, é de mais. Venho a casa e saio sem a ver, e eu não gosto d'isso... faz-me mal. Hoje então é de mais, já tão tarde e ella por lá!...

IV.—Bons dez annos já lá vão depois que Felizardo anda por esse mundo, como seu companheiro inseparavel e por isso conservou o seu coração recto e puro; sua alma não perdeu a sua nobresa, e a sua vontade firme e constante não descansou nunca de procurar o que pretendia. Logrou com effeito, como resultado do seu trabalho e em premio da sua probidade, reunir o necessario para amparar e sus-

tentar a velhice de sua mãe, que o esperava ansiosa na solidão da sua casinha, onde, aquella mesma noite em que o pae de Helena se queixava da ausencia d'ella, a saudosa mãe apertava em seus braços, e cobria de beijos e de lagrimas o filho das suas entranhas. Helena, que assistira á partida, presenciava a chegada de Felizardo, absorta, extatica, sem bocejar nem pestanejar, esquecida de que estava ausente de seus paes e fóra da sua casa; eis que entra o pae da donzella e fica estupefacto em presença de um quadro tão agradável e commovente.

Os paes de Helena morreram; o dono da casa é Felizardo, cuja mãe, em extrema velhice, ainda participa da ventura de seus filhos Felizardo e Helena, e muito bem sabe arrulhar o seu netinho.

Taes são os fructos que resultam do cumprimento do dever e das boas praticas.

Helena é como mãe o que foi como filha, tão boa como agradável para todos. Onde vê tristeza ou afflicção lá corre apressada a levar soccorro e consolação. A sua casa é uma casa de benção, porque sabe *consolar os tristes*.

conham de *maximas do Estado, mysterios de gabinete*; e que tudo quanto fica de vigor no governo, é empregado pelos seus membros a se perderem, e se suplantarem uns aos outros, ao passo que os negocios, ou ficam abandonados, ou caminham á medida que o interesse pessoal o exige, e segundo o d'aquelle, que os dirige.

Temos este quadro debaixo dos olhos, e estamos vendo que toda a habilidade d'estes pigmeus politicos é fascinar as vistas d'aquelles, de quem necessitam, de maneira que se creia que trabalha no seu proprio interesse, sem conhecer que trabalha para o d'elles!

Quando porém os cidadãos amam os seus deveres, e os depositarios da auctoridade publica se applicam sinceramente em alimentar esse amor pelo seu exemplo, e pelos seus cuidados, todas as difficuldades desaparecem, a administração torna-se facil, e dispensa-se-lhe essa arte tenebrosa, cujo negrume faz o mysterio.

Os espiritos vastos, tão perigosos, e tão admirados, todos esses grandes ministros, cuja gloria se confunde com as desgraças publicas não deixam saudades aonde os costumes publicos suprem o genio dos chefes; por certo que aonde mais reinar a virtude, menos necessarios serão os talentos; a propria ambição é mais bem servida pelo dever, do que pela usurpação. O povo convencido de que os seus chefes sómente trabalham para fazer-lhe a sua felicidade, absolve-os de trabalharem para firmar o seu poder, e a historia mostra-nos em suas mil paginas que a auctoridade conferida áquelles, a quem o povo ama é com vezes mais absoluta do que toda a tyrannia dos usurpadores. Isto não quer dizer que o governo deva recear-se de usar do seu poder, e sim que o use de maneira legitima. Na historia não custará muito a achar centenas de exemplos de chefes ambiciosos, ou pusillanimes, que se perderam pela moleza, ou pelo orgulho; mas nenhum, por falta de perfeita equidade; não confunda comtudo alguém a negligencia com a moderação, nem a doçura, com a fraqueza; é necessario ser severo para ser justo; porque aquelle, que tolera a maldade tendo o direito de familia torna-se mau entre os maus, como bem disse Augusto *sicut enim est aliquando misericordia puniens, ita est crudelitas parcens.*

Não basta dizer aos homens—sêde bons; é necessario ensinal-os a serem-n'o. O exemplo, que é para isto a primeira lição, não é o unico meio, é o amor patrio mais efficaz do que elle, porque todo o homem é virtuoso quando conforma a sua vontade com a vontade geral, e ninguém ha que não queira de boa mente o que querem aquelles a quem amamos. Do que temos dito, e continuaremos a dizer, dependem todas as soluções da economia politica, como se verá quando lá chegarmos.

(Continua)

José de Freitas Amorim Barbosa.

GAZETILHA

Festividade.—No domingo, dia em que a Igreja celebra a festa da Maternidade de Maria Santissima, festejou-se no amplo e magestoso templo do Collegio de S. Paulo, a Padroeira d'esta cidade, N. Senhora da Torre. Toda a funcção correu d'um modo esplendido. O altar da Senhora achava-se adornado com gosto e riqueza.

Depois do sermão, prégado pelo sr. padre João Rebello, saiu uma bonita procissão em volta do campo de S. Thiago.

Comunhão aos prezos.—Por 11 horas da manhã de domingo saiu da Sé procionalmente o Sagrado Viatico aos prezos da cadeia.

A procissão ia com toda a magnificencia, e era formada por grande numero de irmãos da confraria do Santissimo e comunidades de S. Pedro e S. Caetano, entre cujas alas se viam muitos anginhos ricamente vestidos; techava-a uma numerosa guarda d'honra de capitão, precedida da banda regimental.

Nas cadeias achavam-se as auctoridades e crescido numero de cavalheiros e pessoas gradas, que alli compareceram a convite do ex.^{mo} sr. dr. Rodrigo Lobo d'Ávila, digno delegado do procurador regio nesta comarca, ao qual se deve a adopção de varias medidas que tanto teem

contribuido para a moralisação dos prezos. assim como o esplendor com que foi feito este acto imponente.

O recolhimento e reverencia com que os prezos receberam o Santissimo, devida tambem aos esforços do sr. padre João Rebello que durante toda a semana os visitára e os predisposera por meio de tocantes praticas, a todos os assistentes commoveu profundamente.

Toda a cadeia achava-se adornada com damascos e festões de murta e flores, e tudo com muito aceio, pelo que não deixaremos de louvar o actual carcereiro, que se esmerou no cumprimento das ordens recebidas do sr. dr. delegado.

Na vespera esteve a cadeia illuminada e queimou-se muito fogo durante o qual tocou uma banda de musica.

Fallecimento.—Na madrugada de sabbado falleceu nesta cidade o ex.^{mo} sr. Lourenço Magalhães d'Araujo Pimentel. Era um ancião veneravel, a quem Braga deve muito. Na provedoria do Hospital de S. Marcos, cargo que exerceu do modo mais digno e com zelo e dedicacão inextinguível por espaço d'uns cincoenta annos, prestou o illustre finado os maiores serviços áquella casa.

Lourenço Magalhães nasceu na quinta da Corrica, proximo a S. João da Ponte nos aros da cidade, em 7 de junho de 1789, filho de D. Anna Jozepha da Afonseca e Castro e de Manoel Alvares de Magalhães d'Araujo Pimentel.

Era um cidadão benemerito, e como tal é mui sentida a sua morte.

Aos officios fúnebres que tiveram lugar no templo dos Congregados, assistiram muitas pessoas, as Irmãs Hospitaleiras e a irmandade da Misericordia.

O cadaver foi depois acompanhado para o cemiterio pela irmandade de N. Senhora das Dóres.

Parece-nos que a irmandade da Misericordia, embora por uma excepção, deveria ter acompanhado tambem os restos mortaes d'aquelle cavalheiro, em attenção aos inapreciaveis serviços que elle em vida prestára áquella Casa.

A nobre familia enlutada por esta dolorosa perda enviamos os nossos cumprimentos de pezames, e por alma do finado pedimos aos leitores um P. N.

Outro.—Falleceu hontem, com 83 annos d'idade, a sr.^a Joaquina Maria da Conceição, irmã do honrado commerciante de cera, o sr. Antonio José Gonçalves, o qual mandou dizer por alma da fallecida missas geraes durante estes tres dias, na igreja de Santa Cruz, onde o cadaver se acha hoje depositado.

Nomeação.—Foi nomeado, por dois annos, guarda do gabinete de physica e chymica do lyceu nacional d'esta cidade, o sr. João Augusto Ferreira Braga.

Encyclica de S. Santidade Leão XIII.—N'um dos proximos n.^{os} publicaremos a memoravel Encyclica de S. Santidade o Papa Leão XIII, na qual se encerra o mais solemne desmentido e desengano do liberalismo, que *finjia* acreditar que Leão XIII não seria a continuacão de Pio IX.

Muito ingenuos são os liberaes...

Encerramento das côrtes.—Encerraram-se no sabbado as côrtes geraes ordinarias. Voltam os snrs. deputados ao seio dos seus constituintes, e devem vir muito satisfeitos com a sua consciencia, porque realmente se desempenharam ás mil maravilhas do mandato que os regedores lhes confiaram.

Vae agora começar a farçada das eleições. Se o povo tivesse olhos para ver...

Partida.—Partiu ha dias para o Porto, o sr. governador civil d'este districto.

Exames.—Tem sido consideravel o numero dos concorrentes a exames de admissão aos lyceus. Até hoje houve apenas umas dez ou onze reprovacões na parte escripta.

Doença.—Continua doente o sr. Alfredo Passos, illustrado facultativo d'esta cidade, filho do sr. M. Joaquim Alves Passos, o qual tem soffrido ultimamente crudelissimos desgostos pela enfermidade d'aquelle cavalheiro e pela da sua propria esposa.

Fazemos votos pelas melhoras dos illustres enfermos.

Vaccinas.—Recommendamos a leitura do annuncio que sob este titulo publica hoje nesta folha o sr. Alves Passos.

As obras de misericordia ou a caridade.—E' d'este bello livrinho o folhetim do nosso n.^o d'hoje.

Catholicos, alerta!—N'um jornal hespanhol encontramos o seguinte que passamos a traduzir:

«O encarregado da missão escocesa em Lisboa, escreveu ultimamente assim: «A obra a meu cuidado, prospéra grandemente. Temos uma congregação d'uns 400 membros e outros tantos ouvintes.»

«Celebram-se reuniões semanaes em «casa dos primeiros, em diferentes pontos «da cidade, e temos aberto tres escolas «para meninos e adultos: até agora acham-se inscritos em seus livros mais de «100.»

«A liberdade civil que disfructamos «faz que possamos dar um testemunho mui «franco á verdade.»

«Sobretudo, quando dirigimos um «terro, é quando o novo methodo faz im- «pressão; as cerimoniaes tão singelas quan- «to solemnes chamam a attenção. O apa- «rato simples, ou melhor a ausencia com- «pleta de todo o aparato; um homem «vestido á paisana, sem ornamentos vem «vestidos sacerdotes, a leitura da Pala- «vra de Deus, os hymnos entoados pelos «amigos e a singela exhortação dirigida «aos concorrentes, tudo os commove.— «quanta differença entre isto e os ritos «romanos! Sim, e quanto melhor é isto! «O director d'um dos cemiterios commo- «veo-se de tal maneira que se abeirou «do evangelista em uma occasião e o «clouvou muito, pedindo ao mesmo tempo «um exemplar da Palavra de Deus.»

«Em toda a parte está a gente muito bem disposta para ouvir a palavra do Evangelho, porem alli como aqui a falta está em não haver quem a prégue. Pedem as orações dos filhos de Deus.»

Repetimos: Catholicos, alerta!
O egoismo é o maior impedimento da regeneração.—Apresentamos o seguinte facto á apreciação do governo regenerador.

Em certo dia um proprietario, precisando de um creado, dirigiu-se a uma aldeia proxima da Villariça, na provincia de Traz-os-Montes, e alli fallou com um homem pobre, que tinha sete filhos, já todos capazes de trabalhar, afim de que lhe assoldasse um, julgando nisto fazer-lhe esmolla, e prestar-lhe protecção.

Porém o homem respondeu:—que tinha sete filhos, e que tomára elle ter outros sete; mas que nem elle, nem os seus filhos serviam a ninguém, nem trabalhavam para ninguém. Porque, logo que chegava o tempo da azeitona, sahia com seus filhos ao rebusco, e que recolham mais azeitona e colham mais azeite, do que o maior numero de proprietarios de oliveiras, e sem pagarem tributo algum. Que no tempo das segadas, das vindimas, da colheita das batatas, e das castanhas faziam o mesmo, e que recolham de pão, e dos outros generos, não só para se manterem com fartura, mas que ainda vendiam. Que no tempo, que mediava entre umas e outras colheitas, iam para o Ribeiro Grande, (ribeiro que desagua na Villariça, e cujas margens estão cheias de salgueiros, freixos, e amieiros, mas que nada deixam para os proprietarios) a fazer madeira, que recolham, e muito bem vendiam aos proprietarios de vinhas. E por isso que nem elle, nem seus filhos careciam de trabalhar para ninguém.

Como este ha por ahí muitos, que sómente se occupam em saber o que ha nas propriedades dos outros. E isto é que é saber viver sem pagar tributos.

Estes taes nada fazem para o bem commum da sociedade; mas se porventura algum contribuinte lhes toca, invocam logo a protecção das leis, e da auctoridade.

Bastava uma unica lei com dois artigos.

1.^o Proibir o rebusco até o fim da colheita.

2.^o Tornar as auctoridades locais severamente responsaveis pela execução d'ella.

Obito.—No sabbado falleceu no Porto, o sr. Francisco Pinto Bessa, presidente da camara d'aquella cidade, e deputado ás côrtes.

Audiencias geraes.—No dia 4 foi julgado o réo Sebastião Barbosa, filho de Manoel Barbosa, da freguezia de S. Victor, accusado pelo crime de attentar contra o pudor d'uma meina de quatro annos: condemnado em dois annos de prisão e custas do processo.

Concursos.—Por decreto de dois do corrente foi mandado abrir concurso documental, dentro do prazo de 30 dias, para provimento das igrejas parochiaes seguintes.

Curupichana (S. Lourenço), concelho

de Celorico da Beira, diocese da Guarda-Escarigo (S. Miguel), concelho de Figueira de Castello Rodrigo, diocese de Pinhel.

Fundão (S. Martinho), concelho de Fundão, diocese da Guarda.

Granja (S. João Baptista), concelho de Trancoso, diocese de Pinhel.

Liceia (S. Miguel), concelho de Montemor o Velho, diocese de Coimbra.

Pedreira (Santa Marinha), concelho de Felgueiras, diocese de Braga.

S. Cypriano (S. Cypriano), concelho de Vizeu, diocese de Vizeu.

Thó (Santa Maria Magdalena), concelho do Mogadouro, diocese de Bragança.

Trovisco (S. Miguel), concelho de Monção, diocese de Braga.

Questão do Oriente.—Os ultimos telegrammas relativos á questão do Oriente, são os que seguem:

S. Petersburgo 2—Um ukase imperial ordena a formação de 40 novos batalhões e 3 brigadas de artilheria.

O «Jornal de S. Petersburgo» faz notar as contradicções da politica da Inglaterra, reclamando a execução dos tractados que ella está violando, e acrescenta que a Russia considera se desligada dos compromissos.

Londres 2—Dizem de Berlim ao «Daily Telegraph» que corria o boato de que a Russia tinha enviado um ultimatum á Porta, exigindo a evacuação de Varna e Schumla.

A Austria prohibiu a exportação de torpedos.

Vienna 2—Assegura-se que o general Tottleben tem instrucções para intender-se directamente com o commandante da esquadra ingleza.

O almirante Hornby Tagblatt diz que a Russia concentra forças junto de Bucharest e proximo á fronteira de Transylvania.

S. Petersburgo 3—Segundo a Agencia Russa, as noticias são relativamente melhores.

Continuam as negociações acerca da retirada simultanea das tropas russas e esquadra ingleza.

Os gabinetes de Londres e S. Petersburgo admittiram em principio a troca das ideias sobre os intuitos que interessam á Inglaterra.

Londres 3—Dizem de S. Petersburgo ao «Times», que não é provavel que os russos tenham enviado um ultimatum á Porta.

A Russia não pratica cousa alguma que possa impedir as probabilidades da paz.

Os despachos de Vienna e Bucharest, para o mesmo periodico, annunciam que os russos tomaram disposições necessarias, afim de transportarem as tropas para a Russia, e abandonaram o projecto do embarque em Buykdere.

Paris 3—Um despacho diz que são satisfatorias as noticias.

Entabularam-se negociações directas entre o general Tottleben e o almirante Hornby.

Assegura-se que começou a retirada dos russos sobre Tchataldje.

Constantinopla 2—Foram enviados a Varna alguns navios afim de trazerem tropas a Constantinopla.

Berlim 3—Foi desmentido o boato publicado pelos jornaes, dizendo que os marinheiros de reserva tinham recebido ordem de estar promptos para serem chamados proximo ao serviço.

New-York 3—Asseguram que o vapor «Cimbrick» desembarcara os officiaes e marinheiros russos, os quaes se dirigiram a S. Francisco.

Londres 4—Uma memoria, contendo 17:000 assignaturas, muitas das quaes de personagens importantes, lastima o chamamento das reservas e pede á rainha que apasigue o conflicto facilitando a reunião do congresso.

S. Petersburgo 4—A agencia russa diz que não é esperado facto algum novo antes de 5 ou 6 dias.

Fazem-se actualmente novos esforços para um accordo.

AGRADECIMENTOS

Os abaixo assignados, profundamente

penhorados com os illm.^{os} e exm.^{os} snrs. que se associaram á sua dôr e se dignaram acompanhar ao cemiterio, na occasião da morte de seu muito presadissimo filhinho, sobrinho e neto, José Maria de Faria Guimarães, de idade de 4 annos e meio,

que teve lugar no dia 29 d'abril; a todos protestam o seu reconhecimento e gratidão.

Braga 2 de maio de 1878.

Francisco José de Faria Guimarães
Maria de Jesus Natividade Guimarães
Margarida Francisca
Custodia Maria de Faria Guimarães. (870)

ANNUNCIOS

Associação do Monte-Pio de S. José

Por ordem do presidente e mais vogaes da meza da assembleia geral, são convidados todos os socios que se acharem no gozo dos seus direitos, a reunirem em assembleia geral extraordinaria no dia 12 do corrente á uma hora e meia da tarde, na casa n.º 8, do largo de Santo Agostinho onde se acha estabelecido o escriptorio da mesma associação, afim de se resolver sobre o projecto da reforma dos estatutos, unico assumpto a que se refere um requerimento assignado por diversos socios, bem como para dar cumprimento ao contheudo do officio de 3 do corrente da respectiva direcção, dirigido ao presidente da meza.

Braga 2 de maio de 1878.

O 1.º secretario

(875) José Antonio Peizoto Braga.

ATENÇÃO

A grande exposição de quadros, porcelanas, crystaes, bordados para senhora e creanças, objectos da China e suas imitações, no campo de Sant'Anna n.º 59, estará aberta todos os dias das 10 horas da manhã ás 4 da tarde, e das 6 ás 9 da noite.

PREÇOS FIXOS E EXCESSIVAMENTE REDUZIDOS.

Na loja do mesmo predio ha, entre outras fazendas,

Armas de 1 cano a 3\$000 rs.
Ditas de 2 canos a 6\$000 rs.
Revolvers de 2\$300 a 6\$500 rs.
Chapeus de sol, de paninho, para homem, a 500 rs.
Marquesinhas de seda e setim, que eram de 3\$000, 4\$000 e 5\$000 reis, a 500, 800 e 1\$000 rs.
Chicaras de porcelana, para café, a reis 2\$000 a duzia. (874)

VACCINA

As pessoas que pertenderem vaccina em tubos para fóra da cidade—e as que quizerem vaccinar seus filhos, podem recorrer ao consultorio do snr. Alves Passos, no campo de Santa Anna, todos os dias, desde as 7 até ás 10 horas da manhã.

Para os necessitados—gratis.

Succursal da Companhia União Popular Penhorista do Porto

Rua dos Biscainhos, n.º 9

BRAGA

Constando á Direcção d'esta companhia, que alguem tem propalado que vae ser fechada esta succursal, declaramos:

1.º Que esta succursal está habilitada a effectuar todas as operações de credito com penhor, por juro modico, e com a maxima descrição.

2.º Que esta Direcção está resolvida a proceder pelos meios que a lei lhe faculta contra quem tentar desacreditar este estabelecimento.

Porto, e Companhia União Popular Penhorista, aos 4 de maio de 1878.

Pela Companhia União Popular Penhorista,

Os Directores,

João Luiz da Cunha e Silva
Francisco José Eugenio
Felix Hilario.

O Gerente da Succursal,

Faustino José de Sousa. (876)

MUITA ATENÇÃO

27, 27 A—PRAÇA DO BARÃO DE S. MARTINHO—27 B e 27 C.

José Apparicio dos Santos, particia ao publico bracarense que no proximo dia 11 do corrente abre o seu novo estabelecimento, onde se encontrará um variado sortimento dos objectos seguintes:

Chapeus modelos para senhora
Chapeus para creança
Flores, folhagens e plumas
Flores e plantas para adornar salões e casas de jantar
Mantas para senhora
Ditas para homem
Leques
Livros de missa
Brincos, broches e pulseiras
Carteiras e bilheteiras
Albuns para retratos
Botões para travesseiras
Escovas de diferentes qualidades
Babeiros para creança
Briquetes para creança
Pentes para alisar e para caspa
Ganchos para cabelo
Aguilhas e allinetes
Dedaes d'osso e d'aço
Retroz preto e de côres

Faqueiros
Facas, garfos e colheres
Thezouras finas
Bandejas
Garrafas, copos e calices
Oleados para mezas
Candieiros para petroleo
Ditos para azeite
Jarras de vidro e porcelana
Castiças de vidro e porcelana
Objectos para escriptorio
Papel e envelops
Bilhetes de visita
Botões para punho e collarinhos
Coroas e ramos para cemiterio
Sapatos de liga
Tinta para marcar roupa
Perfumarias
Algodões de diversas qualidades
Siphões para fazer gazosas

E grande sortimento de ferragens e quinquilarias que vende para revender, por preços convidativos

PREÇO FIXO

VENDAS A DINHEIRO. (873)

Gran éxito en Paris

VELOUTINE CH^{les} FAY

POLVO DE ARROZ ESPECIAL PREPARADO CON BISMUTO
INVISIBLE Y ADHERENTE, dá al ótús frescura y transparencia.
INVENTOR CHARLES FAY, 9, RUE DE LA PAIX, PARIS
Se vende en las Farmacias, Perfumerias, Beluqueras y tiendas de quincalla.
Desconfiar de las falsificaciones.



NOVO HORARIO

Francisco José de Barros (de Simões), faz publico que a carreira que tem diaria de Simões a Braga e de Braga a Simões, a sair de Simões ás 5 horas da manhã, e de Braga a Simões ás 2 da tarde, fica saindo desde o dia 7 de maio inclusivè a sair de Simões a Braga ás mesmas horas, e de Braga a Simões ás 3 horas da tarde, chega a Simões ás 6. Preços e escriptorios os já annunciados.

Braga 7 de Maio de 1878.

O gerente

(877) Alves Pereira.

As Verdadeiras

PILULAS DE BLANCARD

SÃO AS UNICAS
APPROVADAS PELA ACADEMIA DE MEDICINA DE PARIS

Por sua Pureza e inalterabilidade
CURAM as escrofulas, a insufficiencia do sangue, a anemia palidosa,
FORTIFICAM as constituições fracas ou arruinadas,
AJUDAM a formação das jovens, etc., etc.

Exigir nossa firma, aqui juncta, posta na parte inferior de um rotulo verde.

Pharmacia, 40, r. Bonaparte, Paris

Pelo Tribunal do Commercio de 1.ª instancia d'esta cidade de Braga, e cartorio do respectivo escrivão Freitas, no dia 26 do proximo seguinte mez de maio, pelas 10 horas da manhã, na praça publica do Tribunal Judicial, collocado no largo de Santo Agostinho, se tem de proceder á arrematação dos seguintes bens de raiz, e foros pertencentes á massa fallida de Joaquim José Gonçalves Loureiro, d'esta cidade, e são os seguintes:

A quinta denominada a Cerca do Populo, que produz pão vinho e fructa, de natureza alludial, que se acha avaliada,

com todas as suas pertencas, e pelo seu rendimento, na quantia de 3:500\$000 rs. A quinta denominada do Bacello, sita na freguezia de Ferreiros, d'esta comarca, que se compõe de casas, terra lavradia, vidinho, matto, lenha de pinho e carvalho, e algum azeite, de natureza de praso, foreira á Camara Municipal d'esta cidade, a quem se paga de fóro annual a quantia de 300 reis, e laudemio da quarentena, avaliada, livre de todos os encargos, na quantia de 2:256\$000 rs. Uma morada de casas, sita no campo do Salvador, com seu quintal e poço, de natureza alludial, avaliada pelo seu rendimento, livre de todos os encargos, na quantia de 1:600\$000 reis. Duas moradas de casas terreas, situadas no caminho que vae para a cerca do Populo, com seu quintal, de natureza alludial, avaliadas ambas pelo seu rendimento na quantia de 320\$000 rs. Umas moradas de casas nobres, sobradadas, d'um andar e aguas furtadas, com suas lojas e baranda, e escadas de pedra, com seu quintal e poço, e com todas as suas pertencas, que é outra morada de casas no fundo do quintal, de natureza de praso, foreiras á exm.ª Mitra Primaz, com o fóro annual de 100 rs. e designadas pelo n.º 29, avaliadas pelo seu rendimento na quantia de 7:863\$050 rs. A quinta chamada de Maciel, toda circuntada por muros, sita proximo do monte de Crasto, que produz pão, vinho e fructa, compõe-se de casas de habitação, cortes, lojas, terreiro e servidões, de natureza de praso, foreira ao Santissimo Sacramento da freguezia de S. João do Souto d'esta cidade, a quem se paga de fóro annual a quantia de 300 reis, avaliada pelo seu rendimento na quantia de 2:392\$630 rs. Um montado solto, sito no monte de Crasto, da freguezia de S. Martinho de Dume, que produz matto e lenha de sobreiro, de natureza de praso, a quem se paga de fóro annual, á casa de Bertandos, a quantia de 2\$400 reis, avaliada pelo seu rendimento na quantia de 733\$200 rs. O fóro annual de 193 399 de milho alvo e centeio e 2\$140 reis em dinheiro, que annualmente pagam diversos casciros da freguezia de Adaufe, avaliada tudo na quantia de 162\$800 rs.

O escrivão do commercio,

(871) José Firmino da Costa Freitas.

PIANO DE MEZA



Vende-se um de 7 oitavas, em muito bom uso. Trata-se na rua Nova n.º 53, em Braga. (872)

Vendem-se tres moradas de casas, contiguas umas ás outras, na rua Direita da Cruz de Pedra, com os n.ºs 22, 23 e 23 A., tendo um bom e grande quintal, poço e outras casas no fundo do referido quintal com frentes para o Beco. Quem pertender dirija se ao vendedor, nas casas n.º 23 A. (867)

MOBILIA ANTIGA

Vende-se, na rua do Souto n.º 39, duas mezas de jogo, de pau preto com embutidos, um sofá e oito cadeiras com braços e assento de estofa, e onze cadeiras de pau preto com assento de palhinha. (866)

MALA REAL INGLEZA
GRANDE REDUÇÃO DE PREÇOS NA 3.ª CLASSE.

S. Vicente, Pernambuco, Bahia, Rio de Janeiro, Montevideo e Buenos-Ayres

Aceitando tambem passageiros de 3.ª classe pelo mesmo preço que para o Rio de Janeiro para SANTOS, PARANAGUA, SANTA CATHARINA, RIO GRANDE DO SUL, PORTO ALEGRE, CAMPINAS, S. PAULO, CAMPOS, VICTORIA, MACEIO e outros pontos do littoral e interior do Brazil, ao sul de Pernambuco, com trasbordo no Rio de Janeiro e incluindo hospedaria e suvenio gratuito durante a demora precisa para obter trasbordo.

Este paquete da Companhia Mala Real Inglesa sahirá de Lisboa em 15 de Maio.

Para mais esclarecimentos dirijam-se ao snr. Guilherme C. Tait, no Porto, rua dos Ingleses, 23.
Em Braga o snr. João Manoel da Silva Guimarães, Rua do Souto.

Real Sanctuario do Bom Jesus do Monte

A Commissão Administrativa faz publico que acceta propostas em carta fechada para o arrendamento do Hotel dos Arcos, com seu terreiro do lado do nascente, sito no local do mesmo Sanctuario, por tempo de um anno, que ha de começar no dia 29 de setembro do corrente anno, e terminar em igual dia e mez do anno de 1879.

As condições do arrendamento estão patentes a quem as quizer ver, ou d'ellas tirar copia todos os dias não santificados em casa do illm.º snr. João Augusto da Cunha morador no largo do Barão de S. Martinho.

As propostas devem ser assignadas e entregues até á uma hora da tarde do dia 23 do proximo mez de maio, ao signatario d'este annuncio, devendo trazer na parte exterior a seguinte declaração:—Proposta para o arrendamento do Hotel dos Arcos—.

No referido dia e hora serão as mesmas propostas abertas em sessão publica da Commissão Administrativa, que se reúne em uma sala do segundo andar do Tribunal Judicial, sito no largo de Santo Agostinho.

Braga 29 de abril de 1878.

O presidente

(868) José Maria Rodrigues de Carvalho.

Quem quizer arrendar a casa n.º 7, no campo das Carvalheiras, falle com Joaquim Antunes Alves, na rua do Campo, d'esta cidade, que está auctorisado para este fim. (713)